



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
COLEGIADO DO CURSO LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

AMANDA VALÉRIA SANTOS BARBOSA

MULHER NEGRA E IDENTIDADE:
A protagonista feminina em *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie.

Santo Antônio de Jesus

2022

AMANDA VALÉRIA SANTOS BARBOSA

MULHER NEGRA E IDENTIDADE:

A protagonista feminina em *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, Campus V como pré-requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa e Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alexandra Gomes Nunes.

Santo Antônio de Jesus

2022

AMANDA VALÉRIA SANTOS BARBOSA

**MULHER NEGRA E IDENTIDADE: A PROTAGONISTA FEMININA EM
AMERICANAH DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB),
como critério parcial para a obtenção da graduação no curso de Letras Língua Portuguesa e
Literaturas.

Aprovada em: 20/07/2022

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof.^a Dra. Alyxandra Gomes Nunes (UNEB)



Prof.^a Ma. Ilmara Valois Bacelar Figueiredo Coutinho (UNEB)



Prof.^a Dra. Sally Cheryl Inkpim (UNEB)

Santo Antônio de Jesus

2022

RESUMO

Chimamanda Ngozi Adichie tem se destacado no cenário literário contemporâneo por apresentar escrita lúcida, personagens fortes, questionadores, voltados a traçar uma representatividade diferenciada frente ao mundo e suas vicissitudes, tendo recebido prêmios importantes que a fazem ainda mais lida e reconhecida no mundo. Em “*Americanah*”, romance escrito para o público juvenil, a autora traz temas de relevância ímpar para o conhecimento das relações que se estabelecem entre mulheres negras representadas na literatura e os percursos identitários traçados nas sociedades contemporâneas, tão afeitos a perpetuar preconceitos e estereótipos. Jogando foco sobre a personagem nigeriana, Ifemelu, a obra em destaque suscita reflexões urgentes e emergentes acerca de temas extremamente relevantes para a atualidade, como raça, gênero e identidades. O estudo da obra de Chimamanda Adichie pode possibilitar discussões únicas sobre a personagem/mulher negra, militância, trabalho, amor, sonhos, afirmando sua relevância, inclusive, por trazer um lugar autoral afeito a tematizar margens e marginalizações. O objetivo desse trabalho é analisar a protagonista feminina no romance *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, buscando entender os motivos pelos quais a diáspora/deslocamentos a fizeram entrar em crise identitária. O romance traz a Nigéria e os Estados Unidos, cada um com suas imposições e possibilidades em devir. Ler esses espaços e as personagens que lhes habitam é uma viagem (im)precisa, necessária.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra. Identidade. Protagonismo Feminino.

ABSTRACT

Chimamanda Ngozi Adichie has stood out in the contemporary literary scene for presenting lucid writing, strong, questioning characters, aimed at tracing a differentiated representation before the world and its vicissitudes, having received important awards that make her even more read and recognized in the world. In “*Americanah*”, a novel written for a young audience, the author brings themes of unique relevance to the knowledge of the relationships that are established between black women represented in literature and the identity paths traced in contemporary societies, so accustomed to perpetuating prejudices and stereotypes. Focusing on the Nigerian character, Ifemelu, the featured work raises urgent and emerging reflections on extremely relevant topics for today, such as race, gender and identities. The study of the work of Chimamanda Adichie can allow unique discussions about the character/black woman, militancy, work, love, dreams, affirming its relevance, including for bringing an authorial place accustomed to thematizing margins and marginalization. The objective of this work is to analyze the female protagonist in the novel *Americanah*, by Chimamanda Ngozi Adichie, seeking to understand the reasons why the diaspora/displacements made her enter into an identity crisis. The novel brings Nigeria and the United States, each with its impositions and possibilities in becoming. Reading these spaces and the characters that inhabit them is an (im)precise, necessary journey.

KEYWORDS: Black Woman. Identify. Female Protagonism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 TRAJETÓRIA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E SEU PROJETO LITERÁRIO	9
2.1 Feminismo, racismo e literatura na perspectiva da autora do romance	10
3 “TODO MUNDO É CHEIO DE CONFLITOS, IDENTIDADE DISSO, IDENTIDADE DAQUILO”	17
3.1 “Mas eu sou africana”	17
3.2 “O cabelo como metáfora da raça”	20
3.3 “Se você é branco, tudo bem; se você é marrom, fique por aí; se você é negro, volte para casa”	22
4 “ELA VAI VOLTAR UMA TREMENDA AMERICANAH”	25
4.1 “Nigéria. Não está tendo uma guerra lá?”	25
4.2 “Às vezes nos Estados Unidos, raça é classe”	27
4.2.1 “Mas o problema é que nem é uma Americanah de verdade”	31
4.3 “Só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos”	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Chimamanda Ngozi Adichie tem se destacado no rol de escritoras e escritores nigerianos contemporâneos, premiada em importantes categorias tendo alta circulação das suas obras e reconhecimento no cenário literário internacional. Em *Americanah*, publicado em 2003, uma de suas obras mais consagradas, a autora apresenta uma linguagem acessível e uma construção narrativa consistente, sustentada por abordagens de grande relevância para a compreensão das relações sociais que envolvem mulheres negras na sociedade. A escritora tematiza itinerâncias espaciais e identitárias realizadas por uma personagem nigeriana, trazendo para as páginas literárias vivências do cotidiano, ainda que representadas por personagens fictícios.

A protagonista Ifemelu é uma mulher negra que tem trajetórias pessoais identitárias, e, simultaneamente, evidencia problemáticas sociais como o racismo e o machismo, perpassando por lutas à injustiças, autoconhecimento e resistência. Ao retratar um cotidiano distante de idealizações, a narrativa convoca reflexões que ultrapassam representações superficiais e hegemônicas, frequentemente associadas às camadas mais privilegiadas.

Nas sociedades ocidentais, às mulheres negras foi historicamente imposto um padrão estético e social, sendo frequentemente induzidas, desde cedo, à não aceitação de sua cor, de seus traços físicos e cultura. Além de sofrerem com o racismo, essas mulheres também enfrentam o machismo e sexismo. Esse conjunto de “ismos” pode levá-las a acreditar em supostas incapacidades e inferioridades como algo inato.

Diante dos dilemas identitários na narrativa, e na vida de mulheres negras no geral, essa pesquisa tem como finalidade buscar responder a seguinte questão: Quais aspectos da diáspora/deslocamentos espaciais influenciam na crise identitária dessa personagem?

Os resultados desta pesquisa podem possibilitar discussões relevantes sobre a mulher negra, a militância, o trabalho e as relações afetivas e interracialis, reafirmando sua importância ao evidenciar uma perspectiva autoral comprometida com a tematização das margens e dos processos de marginalização. Além disso, propõe-se problematizar o estudo do romance de autoria feminina negra e divulgar informações sobre o romance nigeriano, com destaque para a protagonista feminina, seus deslocamentos/diáspora e os processos de constituição identitária.

O conflito interpessoal da protagonista permite que, por meio de pesquisas bibliográficas, seja utilizado o ponto de vista da teórica Sueli Carneiro para a introdução do tema identidade, onde em seu artigo “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, a autora afirma que a identidade da

mulher negra advém do processo desumano da escravidão, o qual ainda perpassa sua constituição psicológica, contribuindo para a formação de sua identidade (Carneiro, 2003).

Tendo em vista que a protagonista enfrenta contextos sociais excludentes, fazendo um recorte sociológico, histórico e cultural, considera-se os pensamentos da teórica Beel Hooks, em *Ain't I a Woman* (1981) que destaca a luta elitista, classista e racista como marcadores de inviabilização das mulheres negras.

O romance apresenta a realidades vividas pela protagonista na Nigéria e os Estados Unidos (EUA), configurando uma viagem (im)precisa, porém necessária. Nessa perspectiva, a presente pesquisa busca conhecer essa mulher e a ficcionalização de suas histórias e trajetórias, organizando-se em três seções: a primeira seção consiste na análise da vida e das obras da escritora do romance, Chimamanda Adichie. A segunda seção busca compreender e apresentar as lutas e as formas de resistência das mulheres negras, bem como demonstrar como o deslocamento na diáspora provoca questões identitárias. E a terceira, contém a trajetória e a análise da protagonista do romance já mencionado.

2 TRAJETÓRIA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E SEU PROJETO LITERÁRIO

Antes de discutir a formação identitária da mulher negra africana em contexto de diáspora, considera-se fundamental analisar a trajetória da própria autora do romance em estudo. Diversos estudos apontam semelhanças entre a protagonista e a autora da obra, assim como indicam possíveis motivações para a escrita do romance e os posicionamentos da escritora acerca de temas que, embora não sejam necessários para a análise da obra, tornam-se relevantes para este trabalho.

Desse modo, em alguns contextos, a biografia pode ser considerada um recurso adequado para apoiar conclusões ou validar interpretações, especialmente quando se articula com métodos de história oral e narrativa de vida (Ferreira; Amado, 2015). Em consideração ao primeiro capítulo aqui escrito, a biografia será usada visando compreender parte das vivências da escritora, bem como seus posicionamentos acerca de temas que são considerados tabus sociais, como feminismo, racismo e literatura.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, na Nigéria, no ano de 1977. Possui 6 irmãos e irmãs, sendo ela a quinta. Cresceu na cidade universitária de Nsukka, no sudeste da Nigéria, onde se localiza a Universidade da Nigéria. Seu pai, James Nwoye, Adichie era professor de estatística e sua mãe, Graça Ifeoma, foi a primeira mulher administradora da universidade, onde também estudou grande parte da sua vida (Fuks, 2020). Em seu livro *O Perigo de Uma História Única*, Ngozi fala da sua infância: “Eu tive uma infância muito feliz, cheia de risos e amor, em uma família muito unida” (Adichie, 2019, p. 01). A autora é casada com um médico nigeriano que atua na profissão nos Estados Unidos, Ivara Esege. Também possui uma filha que, por questões religiosas e pessoais, prefere manter longe dos holofotes.

Aos 42 anos Chimamanda é reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas de sucesso, enaltecendo assim a leitura de literatura africana. Dentre alguns dos seus livros, seis se destacam:

Meio Sol Amarelo, publicado em 2006, passa-se na Nigéria antes e durante a Guerra de Biafra (1967-1970). As consequências do contexto histórico são vivenciadas por Olanna, Ugwu e Richard que, por causa da guerra e de suas decisões pessoais, tiveram suas vidas mudadas drasticamente. Além de conter diversos temas essenciais, como feminismo, racismo e identidade, a obra recebeu prêmio Laranja de Ficção de 2007, concedido anualmente ao melhor

romance original escrito por uma mulher em inglês. O romance foi incluído nos 100 livros mais notáveis do ano do New York Times.

Hibisco Roxo foi publicado em 2003 e o enredo do romance, se passa na Nigéria em um período pós-colonial, por isso o país está devastado por dificuldades econômicas e insegurança política. Kambili Achike, uma das protagonistas, tem 15 anos de idade, seu irmão se chama Jaja são filhos de um pai violento, católico devoto e rico que agride sua esposa, mãe dos seus filhos, e os seus próprios filhos constantemente tanto fisicamente quanto psicologicamente. A obra abarca temas como África pós-colonial, religião, violência doméstica e violência familiar. O livro ganhou o prêmio Commonwealth Writers, em 2005, como melhor primeiro livro – na África –, além de vários outros prêmios por todo o mundo.

No Seu Pescoço, é um livro com doze contos que foi publicado em 2009 pela primeira vez nos EUA. Em cada conto, em uma escrita límpida e sedutora, é possível identificar temáticas como desigualdade racial, conflitos religiosos, relações familiares e imigração.

Sejamos Todos Feministas foi um discurso que Chimamanda deu no TEDx Euston, em Londres em 2012, que tem mais de cinco milhões de visualizações, após o sucesso do discurso, Adichie publicou como livro em 2014.

Assim como, *Sejamos Todos Feministas* (2014), *Para Educar Crianças Feministas, Um Manifesto*, não tinha intenção de virar livro, pois foi uma carta a sua amiga Ijeawele, que perguntou como criar a sua filha como feminista. Chimamanda postou na sua página do facebook em 2016 e por causa da repercussão, a obra foi publicada em 2017.

Americanah, o romance que será analisado, foi publicado em 2013 e conta a história de Ifemelu, uma jovem nigeriana que, imigrou para os Estados Unidos para frequentar a universidade. O romance descreve a vida da protagonista nos dois países, além de descrever também o romance pelo seu colega de escola Obinze. Os temas que o romance abrange são, Identidade, migração e americanização. O livro foi selecionado como um dos 10 melhores livros de 2013 pelos editores da New York Times Book Review entre outros prêmios, uma série sobre o romance está sendo atualmente gravada por Lupita Nyong'o.

2.1 Feminismo, racismo e literatura na perspectiva da autora do romance

Em seu livro *Tudo no feminino* (1991), Elódia Xavier afirma que as escritoras utilizam suas próprias vivências como uma espécie de matéria-prima para a produção literária. Diante

dessa afirmação faz-se necessário expor aqui alguns posicionamentos de Adichie a respeito de temas que circundam as mulheres como sujeito social e sujeito da sua própria história.

Os discursos provenientes da literatura de Chimamanda configuram-se como representações de seus pontos de vista e posicionamentos sociais, sendo esse aspecto, uma forma ampla, tanto nos discursos quanto nas obras literárias. Como parte importante desses discursos, a autora relaciona seus dizeres com suas vivências, e seus romances, demonstrando que “o discurso não é apenas um objeto: é um ponto de vista uma abordagem” (Guirado, 2000, p. 22).

Ademais, a teórica Djamila Ribeiro em seu livro *Lugar de fala* (2017) com o conceito “lugar de fala”, segundo o qual um indivíduo não pode se apropriar de narrativas de experiências que não vivenciou. Por exemplo, um homem branco não pode falar sobre as vivências de uma mulher negra, e muitos menos sobre as dores e direitos, pois não sente na pele a discriminação causada pelo racismo e o machismo, portanto, não possui legitimidade para se manifestar sobre tais experiências. Assim, é evidente que todos os posicionamentos e discursos de Adichie refletem diretamente quem ela é.

Conforme afirma Hooks (2018), o feminismo consiste na luta pela igualdade de gênero, sendo um movimento historicamente conduzido por mulheres. Nesse contexto, Chimamanda, em grande parte de seus discursos, manifesta sua inquietação com o patriarcado, deixando isso claro em seu livro *Sejamos Todos Feministas*, originada de uma palestra proferida para o TED, ao declarar “decidi falar sobre feminismo porque é uma questão que me toca especialmente” (Adichie, 2015, p. 8). No início do livro, ela evidencia grande parte dos estereótipos associados à palavra “feminista”, sendo entendido por parte da sociedade como conceito equivalente à misandria, ou resume-se à mulheres que odeiam sutiã e não usam desodorante, até mesmo que a palavra é antiafricana, dentre outros preconceitos (Adichie, 2015).

Convém destacar que, a autora aborda as diferenças entre homens e mulheres, tanto no aspecto físico e social, também discute os privilégios masculinos, como a ocupação dos cargos mais altos nas empresas:

Em Lagos, não posso ir sozinha a muitos bares e casas respeitáveis. Mulher desacompanhada não entra. É preciso estar com um homem. Amigos meus, homens, costumam ir a baladas e acabam entrando de braço dado com mulheres desconhecidas — a uma mulher desacompanhada só resta pedir ‘ajuda’ para entrar no recinto (Adichie, 2015, p. 22).

A autora descreve ainda que relata como presencia o machismo estruturado na Nigéria. Segundo a autora: “Os nigerianos foram criados para achar que as mulheres são inerentemente culpadas” (Adichie, 2015, p.35):

Uma nigeriana conhecida minha decidiu vender sua casa para não intimidar o homem que eventualmente quisesse se casar com ela. Conheço uma outra, também solteira, que em congressos usa uma aliança de casamento porque quer “ser respeitada” pelos colegas — segundo ela, a ausência do anel a torna desprezível. E isso num ambiente moderno de trabalho. (Adichie, 2015, p.32).

Em sua obra *Para educar crianças feministas: um manifesto*, Chimamanda apresenta uma abordagem aprofundada sobre o tema. Além de introduzir conceitos inéditos, como o “feminismo leve” — uma ideia de igualdade feminina condicional, exemplificada na passagem: “[...] ele é a cabeça e você o corpo [...] ele está na direção e você é o copiloto” (Adichie, 2017, p. 12). —, a autora deixa explícito que, para ela, o feminismo depende do contexto, não seguindo necessariamente uma regra fixa.

O que mais se aproxima de um guia são as suas duas “ferramentas feministas”. Sendo a primeira ferramenta proposta pela autora, a mulher precisa reconhecer seu valor e compreender que possui igual importância. E a segunda consiste em um questionamento: “Se invertermos os papéis, não obteremos os mesmos resultados?” (Adichie, 2017). Essa variação do feminismo, que a autora denomina como “feminismo leve”, revela-se eminentemente perigosa, uma vez que essas supostas liberdades e equidades carregam consigo delimitações impostas pelo sistema machista, muitas vezes de maneira deliberadamente camuflada.

Chimamanda afirma que ser feminista não implica reprimir tudo o que é considerado feminino. Muitas mulheres sentem-se envergonhadas por apreciarem aspectos tradicionalmente associados à feminilidade, como maquiagem e moda, enquanto raramente se verifica o mesmo em relação aos homens, que podem gostar de carros ou esportes sem constrangimento. Nesse sentido, a autora destaca: “feminismo e feminilidade não são mutuamente excludentes. É misógino sugerir ao contrário” (Adichie, 2017, p. 8).

Na nona sugestão, Adichie orienta sua amiga a proporcionar à filha um senso de identidade, ensinando-lhe a ter orgulho de ser uma *igbo*,¹ a valorizar os aspectos positivos de sua cultura e a descartar aqueles que são prejudiciais. Por exemplo, existem determinadas práticas na cultura *igbo* que restringem ações das mulheres apenas por serem mulheres, o que

¹ O povo *igbo* habita em uma região da Nigéria, África, desde tempos remotos, antes mesmo do processo de colonização pelos europeus (ERNEST-SAMUEL, 2019).

a autora considera injusto. Adichie recomenda também que se destaque a beleza e a capacidade de resistência dos africanos e dos negros, uma vez que a dinâmica de supremacia eurocêntrica no mundo faz com que crianças cresçam sem representatividade, sendo educadas a relacionar conceito e imagem de beleza às pessoas brancas, seja isso por meio de mídias digitais, televisivas, revistas, moda. Desse modo, conseqüentemente, desenvolvam uma percepção negativa sobre a África.

Ademais, em 2019, para o canal Marie Claire no YouTube, Chimamanda Adichie respondeu a comentários negativos sobre o feminismo e sobre feministas. Em um dos comentários, um internauta questionava por que, em vez de a mulher evitar o aborto, preferem “matar bebês”. Nesse vídeo, Adichie respondeu com delicadeza:

Ninguém quer matar bebês o que o feminismo defende é que as mulheres deveriam poder ter a escolha de fazer o que quiserem com seus corpos. Uma gravidez pode matar uma mulher. Por isso a mulher deveria poder decidir o que fazer em relação a gravidez. Você pode escolher não fazer um aborto, tudo bem. Não imponha isso aos outros. Vamos lembrar que legalizados ou não, abortos acontecem existem jovens morrendo em diversas partes do mundo. Nós também temos que falar sobre contraceptivos e educação sexual. Todas essas coisas são ligadas (Adichie, 2019).

Portanto, observa-se que os discursos feministas de Chimamanda Adichie são marcados por questionamentos críticos e insatisfação em relação ao patriarcado, assim, paralelamente aborda as intersecções entre essas questões de gênero com as de raça, nesse aspecto, o racismo. O qual, se configura como uma forma de discriminação negativa direcionada a grupos raciais ou étnicos, como negros, indígenas e albinos, entre outros (Cavalleiro, 2001).

Em uma entrevista concedida à *The Atlantic* (2014), Adichie relata que, ao chegar aos Estados Unidos, passou a se reconhecer como negra, pois a questão do racismo não fazia parte de sua percepção enquanto vivia na Nigéria. Essa experiência evidencia como as construções sociais de raça e poder podem moldar a identidade individual, demonstrando que a vivência do racismo varia de acordo com o contexto social e geográfico.

Chimamanda, em um de seus discursos para o TED em 2014, destacou que os preconceitos e as divisões sociais presentes na Nigéria não se baseiam na cor da pele, mas na etnia e na religião. Apesar dessas distinções, a autora afirma que se sente feliz por ser negra e não percebe problema em ter a pele “cor de chocolate”. No entanto, ao chegar aos EUA, ela percebeu que a questão racial carregava uma carga muito mais complexa, uma vez que a experiência histórica e social dos negros americanos difere significativamente da vivida na Nigéria. Inicialmente, ela relata que não compreendia plenamente quando alguma mulher a

chamava de “irmã”, mas, ao estudar a história americana, passou a entender melhor o contexto e conseguiu superar o nervosismo.

Ainda na entrevista, a autora observa que suas críticas muitas vezes não eram aceitas pelos americanos, que questionavam por que ela não mencionava o racismo na Nigéria, evidenciando uma percepção superficial da África e, possivelmente, a falta de empenho em compreender suas nuances (Adichie, 2014).

Em *O Perigo De Uma História Única*, Adichie analisa como sua colega de quarto a percebia, bem como a forma como enxergava o continente africano, resultado da construção de uma narrativa única sobre a África:

[...] Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha "música tribal" e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey! (Adichie, 2017, p. 02).

A autora afirma também que a impressionou com os subjugamentos atribuídos a ela simplesmente por ser nigeriana. Sua posição comum para com ela, como uma africana, “era um tipo de arrogância bem-intencionada, piedade” (Adichie, 2017, p. 2). Em outra entrevista disponível no site da revista *Geledés, Instituto da mulher negra*, depois de uma visita ao Brasil, salienta: “Acho que qualquer coisa que faça o país começar a confrontar seu racismo é muito importante” (Adichie, 2019). Ela observa que o Brasil ainda distorce a compreensão sobre a questão racial: os negros, em sua maioria, ocupam espaços marginalizados e permanecem invisibilizados. No entanto, as mulheres negras desempenham papel central na discussão sobre gênero e desigualdades sociais (Adichie, 2019).

Partindo dessa perspectiva comparativa, é possível compreender que o racismo na Nigéria não se manifesta da mesma forma que no Brasil, assim como nos Estados Unidos. Entre os nigerianos, as ações discriminatórias têm relação com critérios étnicos e religiosos do que com a cor da pele e fatores fenóticos. Nesse contexto, os incômodos de Chimamanda em relação aos traços físicos racializados, como o cabelo crespo, não se originavam de exclusões raciais diretas no cotidiano, mas sim da influência de uma mídia racista e elitizada, que estabelece padrões físicos e genealógicos como critérios de aceitabilidade social.

Nessa perspectiva, muitas meninas e mulheres negras foram ensinadas a rejeitar seus cabelos crespos, recorrendo a produtos químicos para alisar ou modificar sua estrutura natural. Sobre esse processo de resignação, Adichie relata em uma entrevista à revista *Marie Claire*:

Na adolescência, tudo o que eu queria era ter cabelo liso. Me lembro da primeira vez que usei o relaxante e fiquei tão feliz: meu cabelo ficou comprido, liso e eu gostava do balanço. Quando me mudei para os Estados Unidos, não tinha dinheiro para ir ao salão, por isso, eu mesma coloquei o relaxante e queimei o couro cabeludo. Fiquei com umas cicatrizes horríveis. Aí comecei a pensar: ‘Por que eu estou fazendo isso?’. Os Estados Unidos me fizeram parar e refletir sobre quem eu sou. Comecei a gostar do meu cabelo do jeito que ele é. Parei de alisar há 25 anos. E amo que o cabelo negro seja versátil: posso fazer tranças ou trabalhá-lo como uma arquitetura (Adiche, 2019).

Em sua obra *Americanah*, a protagonista Ifemelu mantém um blog no qual compartilha suas experiências cotidianas, abordando, entre outros temas, o racismo, o cabelo crespo, a racialização do gênero e o processo discriminatório sofrido pelas mulheres negras que se recusam a alisar seus cabelos. A autora destaca em outra entrevista disponível na *Geledés – Instituto da mulher negra*, que “nos Estados Unidos o racismo existe, mas os racistas desapareceram” (Adichie, 2014). Essa reflexão evidencia como a discriminação racial existe de forma velada, manifestando-se por meio de estruturas sociais, padrões culturais e percepções históricas que moldam a experiência da população negra.

Essas narrativas e reflexões demonstram a importância da literatura como instrumento de ampliação do olhar social e de transformação pessoal. Nesse sentido, Abreu (2006), em seu livro *Cultura letrada: literatura e leitura*, define a literatura como um meio capaz de melhorar a vida das pessoas, possibilitando novas visões de mundo e experiências de situações que não vivenciamos diretamente.

Inserida nesse contexto literário desde cedo, Chimamanda Adichie, criada em uma cidade universitária e filha de pais que atuam na universidade, teve contato com a literatura ainda na infância, tanto na leitura quanto na escrita. A autora ressalta seu gosto pela leitura desde muito jovem: “Minha mãe diz que eu comecei a ler com dois anos, mas eu acho que quatro é provavelmente o mais próximo da verdade” (Adichie, 2019, p. 1).

No entanto, o seu repertório de leitura eram predominantemente eurocentrados. Dessa forma, cresceu, como muitas mulheres negras, internalizando a realidade eurocêntrica como parâmetro universal, se projetando e se identificando com uma vivência destoante da realidade. Como por exemplo, nevar em sua cidade natal ou beber cerveja de gengibre².

A partir dos 10 anos de idade, iniciou a escrita de contos sobre situações que jamais havia vivenciado, prática que contribuiu para o desenvolvimento de pensamentos de caráter feminista. Dotada de uma escrita arrebatadora, a autora sempre se reconheceu como escritora,

² ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. Adaptação de palestra no TED TALK. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

mesmo quando o reconhecimento externo ainda lhe era negado. Partindo desse pressuposto, Chimamanda afirma em uma entrevista à revista *Marie Claire* que:

Com essa idade eu já dizia que era escritora porque estava fazendo meus livrinhos. Como não venho de uma cultura que vê a escrita como uma grande ambição, não me perguntava se era ou não escritora. Achava que era e pronto. Não importava que ou se alguém iria ler. Isso nunca me deixou inquieta (Adichie, 2019, p. 77).

Hoje, pertencente à classe de escritores e escritoras mais conhecidos do mundo, é possível afirmar que Chimamanda Ngozi Adichie se posiciona literariamente sobre suas vivências. Podemos perceber que majoritariamente, se não todos os seus romances e contos, se desenrolam em solo nigeriano. No seu livro *Para educar crianças feministas, um manifesto*, o qual já foi mencionado anteriormente, na quinta sugestão, a autora propõe que ensine Chizalum a ler para que ela cresça sabendo questionar o mundo e a saber seu lugar (Adichie, 2017). Nesse trecho da obra, Adichie acentua o quanto a literatura é importante para a formação de uma criança feminista.

Em uma palestra sobre literatura, para a fundação Commonwelth, nomeada “Ensinar e deleitar: uma defesa da literatura realista”, Chimamanda fala da literatura como algo prazeroso e como um princípio de conhecimento e cultura. Ela também aborda sobre a relevância da leitura e da escrita em sua vida, ressaltando como a literatura contribuiu para a formação de seus posicionamentos políticos e educativos. No campo da teoria literária, a autora discute temas fundamentais como autoria e autonomia, evidenciando a importância da reflexão crítica sobre a produção e a interpretação de textos.

3 “TODO MUNDO É CHEIO DE CONFLITOS, IDENTIDADE DISSO, IDENTIDADE DAQUILO”

Com o intuito de aprofundar na problemática apresentada, este trabalho propõe uma abordagem do conceito de “sociedade líquida”, conforme desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman, no qual as identidades se configuram como instáveis e em constante transformação (Bauman, 2001).

Por outro lado, segundo Stuart Hall, a temática da identidade é algo mais complexo, ainda em desenvolvimento e sem muita compreensão social. Isso se deve porque as identidades são fortemente marcadas por fluxos materiais e simbólicos, por conflitos e interesses (Hall, 2006).

3.1 “Mas eu sou africana”

De acordo com o Dicionário Aurélio, a “diáspora” é definida como a “dispersão de povos em virtude de perseguições promovidas por grupos intolerantes” (Ferreira, 2005, p. 254). Contudo, o conceito de diáspora ultrapassa a noção teórica de simples deslocamento geográfico populacional, especialmente quando se trata do contexto africano.

Em seu artigo intitulado “SÓLIDAS, DÚCTEIS E LÍQUIDAS: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora”, Robin Cohen cita Willian Safran, afirmando que:

É possível utilizar o conceito de diáspora para descrever situações em que os membros de uma ‘comunidade minoritária expatriada’ compartilham várias das seguintes características:

Eles ou seus ancestrais foram dispersos de um ‘centro’ original para duas ou mais regiões estrangeiras.

Retêm a memória coletiva, a visão ou o mito acerca de sua terra natal original – sua localização física, história e realizações.

Acreditam que não são – e talvez nunca venham a ser – totalmente aceitos nas suas sociedades de acolhimento e, assim, permanecem parcialmente isolados.

Sublimam seu lar ancestral e imaginam que, quando surgirem condições favoráveis, eles ou seus descendentes vão retornar.

Acreditam que todos os membros da diáspora deveriam estar comprometidos com a manutenção ou restauração, segurança e prosperidade da terra natal original.

Continuam ligados a essa terra natal de várias formas, o que contribui de modo importante para definir sua consciência e solidariedade etnocomunitárias (Safran, 1991, p. 83-84 apud Cohen, 2008, p. 519).

Nesse contexto, Safran define a diáspora como um deslocamento essencialmente comunitário; entretanto, Paul Gilroy ressalta que “parece imperativo impedir que a diáspora se torne apenas um sinônimo de movimento” (Gilroy 2001, p. 22), destacando a importância de

se considerar a “diáspora africana” de forma mais ampla, a fim de considerar que esse deslocamento é resultado do tráfico humano, caso contrário, toda a trajetória cruel e desumana dos povos africanos retirados da África tende a ser invisibilizada.

No livro *At Home in Diaspora – Black International Writing*, Wendy Walters aborda a diáspora como a experiência de ausência de um lar em um primeiro momento, seguida pela reconstrução de um novo ambiente, sempre permeada pelo constante desejo de retorno àquilo que foi deixado para trás (Walters, 2005). Assim, ao discutir a diáspora, não se trata apenas de deslocamentos geográficos, mas contextualizado em uma trajetória dolorosa marcada pela memória, pela perda e pelo anseio às origens.

Stuart Hall aborda a diáspora destacando a identidade como um elemento estruturante, pois para ele, “[...] na situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (Hall, 2003, p. 27). Ou seja, esse processo não se restringe aos povos envolvidos, mas também se refletem nas artes e culturas que produzem. Ao experienciar a diáspora, o indivíduo se insere em outra cultura, o que provoca uma variação identitária.

Dessa forma, neste estudo, o termo “diáspora” será compreendido não apenas como mudança de espaço ou deslocamento, mas também como uma questão profundamente ligada à construção identitária. Nesse contexto, dentre os povos africanos negros que vieram para a América em diáspora, iremos delimitar esse estudo apenas para as mulheres negras africanas que tiveram/têm suas dores extremamente invalidadas pela sociedade patriarcal e racista. Analisaremos as principais justificativas usadas para entender as razões pelas quais as mulheres negras africanas diaspóricas submeteram-se/submetem ao trabalho escravo nas Américas e por consequência entram em conflito identitário.

Tomaremos como base os pensamentos da teórica Bell Hooks, que em seu livro *Ain't I a Woman*, onde afirma que:

Quando julgava ser necessário, o escravagista chacinava o escravo para inspirar terror nos escravos que assistiam. Estes métodos de aterrorização tiveram êxito em forçar o povo africano em reprimir a sua consciência de povo livre e a adotar a identidade escrava que lhe foi imposta. Os escravagistas lembram nos seus livros de registro, que foram sadicamente cruéis para com os africanos a bordo nos navios negreiros como uma forma de “parti-los ou domesticá-los”. As mulheres africanas receberam o choque desta brutalização massiva e aterrorização não apenas porque podiam ser vitimizadas através da sua sexualidade mas também porque era mais provável que elas fossem trabalhar na intimidade das famílias brancas do que os homens negros. Desde que os escravagistas observaram a mulher negra como uma cozinheira vendável, ama-seca, empregada doméstica, era crucial que ela fosse tão exaustivamente aterrorizada que se submeteria passivamente à vontade do dono branco, da dona, e dos seus filhos (HOOKS, 1981, p. 16).

As mulheres negras provenientes do continente africano já tinham seus papéis socialmente determinados nas Américas, como evidenciado nos trechos anteriores. No século XX, a autora observa que “enquanto os homens negros avançaram em todas as esferas da vida americana, foram encorajando as mulheres negras a assumirem um papel mais subserviente” (Hooks, 1981, p. 6). Isso indica que, além de vivenciarem a condição de racialização, as mulheres negras enfrentavam opressão de gênero, muitas vezes imposta por homens negros, que reforçavam um lugar subordinado na sociedade. Conseqüentemente, essas mulheres passavam a assumir essa identidade subalterna, frequentemente sem questionamento, perpetuando uma forma de opressão que acompanha historicamente a experiência das mulheres negras diaspóricas.

Ao explicar sobre identidade cultural, Stuart Hall (1990) coloca em pauta duas concepções: na primeira, ele cita Franz Fanon (1963), que trata a identidade como uma descoberta “investigação apaixonada” e afirma que não devemos minimizar a redescoberta identitária. Já na segunda, Hall traz a identidade cultural como algo construtivo levando em consideração o passado e o futuro:

Nesta segunda acepção, identidade cultural é um "tornar-se" e não apenas um "ser". Pertence tanto ao futuro como ao passado. Não é algo que já exista e transcenda lugar, tempo, história e cultura. As identidades culturais vêm de algures, têm histórias. Porém, tal como acontece com tudo o que é histórico, também elas sofrem transformações constantes (Hall, 1990, p. 24).

A busca pela identidade da mulher negra diaspórica constitui uma das problemáticas centrais deste trabalho, evidenciando os desafios enfrentados ao lidar com novas culturas e ao tomar consciência de sua própria existência. É por meio da percepção das estruturas de racismo e machismo que a mulher negra se reconhece no contexto em que vive e historicamente foi inserida.

Esse processo é, muitas vezes, doloroso e complexo, pois “[...] a construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o outro [...] como pelo afastamento do outro [...]” (Carneiro, 2003). Ou seja, a formação identitária da mulher negra diaspórica ocorre simultaneamente no distanciamento de seu lugar de origem e na interação com novos espaços sociais, o que será analisado em maior profundidade no próximo capítulo, dedicado à protagonista do romance.

3.2 “O cabelo como metáfora da raça”

A partir das considerações dos efeitos da diáspora, é possível analisar como as mulheres negras que passam pela experiência diaspórica conseguem preservar algumas de suas raízes culturais logo depois de terem vivenciado tantas angústias e traumas que perpassam suas identidades. Assim, podemos reconhecer as demonstrações culturais e sociais vindas durante o processo diaspórico, como o cabelo, e tomaremos como base os pensamentos de Nilma Lino Gomes em sua pesquisa de campo, intitulada *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*:

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário (Gomes, 2003, p. 174).

É importante ressaltar que esse ato identitário não é tão fácil de se assumir por deveras demandas. Gomes, também relembra o difícil tempo em que as informações sobre cabelo crespo não chegavam até aos mais velhos e de como era doloroso para as meninas negras pentearem o cabelo:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso dos produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizadas pela mãe, tia irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra – hoje, uma mulher adulta – como o penteado preferido pela infância (Gomes, 2002, p. 43).

Essa experiência dolorosa perpassa da infância para a adolescência, apresentando novos desafios para a mulher negra. Nessa perspectiva, Gomes observa em sua pesquisa de campo que uma das participantes relatou: “Quando experimentava diferentes maneiras e técnicas de arrumar o cabelo, mesmo que fossem aquelas que se aproximavam do padrão de cabelo liso, a então adolescente negra era vista com estranhamento e com hostilidade pelos colegas” (Gomes, 2003, p. 173).

Já na fase adulta, surgem novas imposições sociais, veiculadas pela mídia e pelo mercado de trabalho, que pressionam muitas mulheres negras a submeterem-se ao alisamento capilar, seja para se enquadrar nos padrões de beleza branca ou até mesmo para negar aspectos de sua própria identidade. Sobre esse fenômeno, Félix afirma que:

Entende-se o cabelo como símbolo de identidade, este pode ser um vínculo à compreensão da identidade negra na comunidade. O mesmo vem sendo reprimido na tentativa de manipulação no enquadramento de padrões sociais eurocêtricos. (Félix, 2010).

Outra estratégia utilizada por mulheres negras para camuflar sua identidade, quando não tinham acesso ao alisamento químico — seja por restrições financeiras ou por alergias —, consistia em trançar os cabelos, reduzindo seu volume. Desse modo, é sabido que “em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma vasta história. Uma história ancestral e uma memória” (Gomes, 2002, p. 174).

Na contemporaneidade, as mulheres negras que escolhem trançar seus cabelos não o fazem mais como um ato de submissão estética. Pelo contrário, essa prática constitui uma forma de resistência à opressão histórica que subjugava seus corpos, ao mesmo tempo em que reafirma sua identidade e fortalece o pertencimento à cultura afro, por meio de estilos que remetem à ancestralidade e à tradição:

Depois de adultas muitas mulheres negras reconciliam-se com as tranças. Agora, porém, elas apresentam-se estilizadas, desde as chamadas tranças africanas ou agarradinhas, que formam desenhos engenhosos no couro cabeludo, até as jamaicanas, de diferentes comprimentos (Gomes, 2002, p. 44).

Ao assumir os cabelos afro, as mulheres negras passam também a enfrentar as dores do racismo estrutural presente na sociedade, que, historicamente, tentou — e por muito tempo conseguiu — “domar” os cabelos crespos e cacheados. Nesse contexto, o cabelo afro da mulher negra transforma-se em um instrumento de resistência frente ao sistema racista. Ao optar por usar seus fios naturais, a mulher negra expressa identidade, autonomia e autenticidade, resignificando sua relação com o próprio corpo, assim, “[...] o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política” (Gomes, 2002, p. 49).

De acordo com essa afirmação de Gomes, para a mulher negra, o cabelo não só realça sua negritude, como ao manter seu cabelo natural, a mulher negra perpetua sua identidade negra, negando a estética branca como supremacia de beleza, e marcadora de valores de sofisticação, profissionalismo e até moralidade e ética. Abraçar sua cultura baseada na natureza de seu próprio corpo e ao adotar seu cabelo natural, a mulher negra sai da situação de dependência e abraça definitivamente seu papel de pessoa negra, tornando seu cabelo a parte de seu corpo que irradia negritude.

3.3 “Se você é branco, tudo bem; se você é marrom, fique por aí; se você é negro, volte para casa”

Outro processo que atravessa a experiência da mulher negra em diáspora é o denominado “colorismo”, também referido como “pigmentocracia”. Embora ainda haja uma produção acadêmica limitada que sistematize de forma aprofundada esse conceito, o tema assume relevância significativa no romance que será analisado. O termo foi cunhado por Alice Walker, em 1982, em sua obra *“If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?”* traduzindo para o português *“Se o presente se parece com o passado, como será o futuro?”*

Para compreender o significado social do termo colorismo, faz-se necessária uma breve discussão acerca do processo histórico de formação de populações racialmente miscigenadas. Para tanto, tomam-se como referência as reflexões de Munanga (1999), segundo as quais a miscigenação está longe de configurar-se como um fenômeno natural, uma vez que ela resulta da união entre povos social e politicamente desiguais, portadores de valores, posições e hierarquias profundamente assimétricas.

Nesse contexto, o termo “mestiço” foi historicamente empregado para designar o indivíduo resultante da relação entre um homem branco e uma mulher indígena, ou entre um homem indígena e uma mulher branca. Já a nomenclatura “mulato” refere-se ao descendente de relações estabelecidas entre uma pessoa negra e uma pessoa branca. Contudo, tais classificações não se limitam a um simples cruzamento biológico, uma vez que a miscigenação foi, em grande medida, resultado de sucessivos abusos sexuais sofridos por mulheres africanas e indígenas ao longo do período escravocrata. Sobre esse processo, Munanga afirma que:

Se os brancos não hesitaram em manter relações sexuais com as mulheres negras, índias e mestiças, isso não significa em absoluto que aceitaram os princípios de igualdade racial. Visto dentro desse contexto colonial, a mestiçagem deveria ser encarada primeiramente não como um sinal de integração e de harmonia social, mas sim como dupla opressão racial e sexual, e o mulato como símbolo eloquente da exploração sexual da mulher escravizada pelo senhor branco. Embora o casamento com uma mulher de outra “raça” possa ser interpretado como símbolo de uma grande tolerância, é preciso dizer que os casamentos desse tipo foram muito raros (Munanga, 1999, p. 29).

É possível identificar, a partir dessas reflexões de Munanga, que os corpos das mulheres negras, indígenas e mestiças foram historicamente reduzidos à condição de objetos de prazer sexual. Desse modo, a miscigenação não pode ser compreendida como um processo espontâneo ou harmonioso, mas como resultado de uma trajetória longa e dolorosa, marcada por violência,

coerção e rejeições afetivas. Considerando que esse processo deu origem a uma ampla variedade de tonalidades de pele, emerge o fenômeno do colorismo, entendido como uma hierarquização racial interna. Segundo Santos (2021), em seu artigo “A política da cor: o racismo e o colorismo”, surgiu com o aparecimento do “racismo moderno”, um dos mais angustiantes preconceitos da modernidade eurocêntrica, uma espécie de seleção para o racismo.

A pele constitui a nossa principal proteção visual natural, e sua cor torna-se um marcador determinante das vivências sociais e econômicas dos indivíduos. Nesse contexto, o “escuro” passa a carregar uma simbologia negativa, enquanto o “branco”, ou a ausência de cor, é socialmente associado a valores positivos.

O colorismo sustenta a lógica de que, quanto mais clara for a tonalidade da pele, maiores são as possibilidades de acesso a determinados privilégios sociais e econômicos. Assim, embora as pessoas negras compartilhem uma mesma identidade racial, as variações de tonalidade da pele tornam-se fatores decisivos na forma como são tratadas socialmente. Dessa maneira, o colorismo configura-se como um mecanismo de opressão interno, operando como uma arma regressiva que fragmenta e hierarquiza a própria população negra:

Por exemplo, nos EUA, os escravizados negros de cor mais clara eram mais caros, e eram procurados para o trabalho doméstico nas casas da plantação, enquanto aos escravizados de cor mais escura estava destinado o trabalho árduo nos campos. Aliás, os escravocratas usavam as diferenças de cor de pele para provocar a divisão entre os escravos. [...] As mulheres negras com tom de pele mais claro e traços europeus tendem, em igualdade de nos EUA as mulheres negras com tom de pele mais claro e traços europeus tendem, em igualdade de outras circunstâncias, a ter mais êxito na obtenção de emprego, na carreira profissional, nos concursos de beleza ou nos vídeos musicais. [...] O colorismo também tem existido no interior do mesmo grupo racial quando, por exemplo, no século XIX e início do século XX, os clubes das elites negras dos EUA recusavam o acesso a pessoas com a cor mais escura (Santos, 2021, p. 01).

No trecho anterior, Santos exemplifica como o colorismo opera por meio da classificação e desclassificação de pessoas negras a partir das variações de tonalidade da pele. Nesse sistema hierarquizante, quanto mais clara a pele, maiores tendem a ser os privilégios sociais atribuídos; em contrapartida, quanto mais escura, maior a incidência de discriminação e preconceito. Outro autor que se debruça sobre essa problemática é Harris (2008, p. 32), ao afirmar que:

Mais especificamente, a “ocracia” na pigmentocracia traz consigo noções de valor hierárquico que os espectadores colocam em tais tons de pele. Tons de pele mais claros são, portanto, mais valorizados do que tons de pele mais escuros. Tais preferências têm implicações sociais, econômicas e políticas, já que pessoas de tons de pele mais claros eram freqüentemente - e estereotipicamente - vistas como mais inteligentes, talentosas e socialmente graciosas do que suas contrapartes negras mais escuras. Negros mais escuros eram vistos como não atraentes, de fato feios e

geralmente considerados de menor valor. Os padrões europeus de beleza dominaram um povo africano durante a maior parte.

É importante salientar que o colorismo e a pigmentocracia não se restringem apenas à tonalidade da pele, mas abrangem também os traços fenotípicos associados à negritude, como o formato do nariz, dos lábios e a textura do cabelo. Nessa lógica hierarquizante, quanto mais próximos esses traços estiverem do padrão estético europeu, maior tende a ser o grau de aceitação social do indivíduo.

4 “ELA VAI VOLTAR UMA TREMENDA AMERICANAH”

Ela vai voltar uma tremenda americanah, que nem a Bisi”, disse Ranyinudo. Todas urraram de rir com a palavra americanah, enfiada de alegria com sua quinta sílaba estendida, e ao pensar em Bisi, uma menina um ano abaixo delas que voltara de uma breve viagem aos Estados Unidos com estranhas afetações, fingindo que não entendia mais ioruba e acrescentando um erre arrastado a todas as palavras em inglês que falava (Adichie, 2014, p. 58).

Na obra *Americanah*, a partir da trajetória da protagonista, são apresentadas dimensões da história da cidade e de sua cultura. O romance tem como eixo diaspórico o deslocamento entre a Nigéria e os EUA, motivado pela busca por melhores condições de vida. Essa experiência de diáspora, retratada ao longo da narrativa, a profunda influência à constituição identitária da protagonista, que já não se reconhece como a mesma pessoa que era antes da diáspora. Ao longo do processo, ela passa a incorporar características dos dois contextos culturais nos quais viveu, uma vez que precisou adaptar-se às condições sociais, culturais e simbólicas que lhe foram impostas.

4.1 “Nigéria. Não está tendo uma guerra lá?”

Como já mencionado, o romance *Americanah* foi lançado em 2014 pela editora Companhia das Letras. A obra foi vencedora do *National Book Critics Circle Award*, eleita um dos dez melhores livros do ano pelo *The New York Times Book Review* e traduzida para mais de 40 idiomas. Parte da narrativa se passa na cidade de Lagos, na Nigéria, durante a década de 1990, período em que o país vivenciava seu segundo regime militar.

Esse contexto histórico marcou o início do declínio do planejamento urbano da cidade, cujos efeitos mais severos já vinham sendo sentidos desde o final da década de 1980 e anos 1990. Lagos encontrava-se sob governo militar, e o colapso do zoneamento urbano resultou na conversão de áreas residenciais — como a Ilha Victoria e o sudoeste de Ikoyi — em zonas predominantemente comerciais. Diante dos crescentes desafios urbanos, o regime militar não apresentou respostas estruturadas e eficazes. Como alternativa, decidiu-se, em 1991, pela transferência da capital federal para Abuja. A esse respeito, o site *Quartz Africa* destaca que:

Lagos, in the 1990s, was the ultimate dysfunctional city and an example of what happens to a society where the state is absent. At that point the state had really withdrawn from Lagos; the city was left to its own devices, both in terms of money and services.

E em diversos momentos o romance evidencia as condições precárias que o povo de Lagos vive, bem como o medo e a indignação.

Não somos gado. Esse regime está nos tratando como gado e estamos começando a nos comportar como gado. Não consigo pesquisar direito há anos, porque passo todos os dias organizando greves, falando dos salários que não são pagos e do fato de que não há giz nas salas de aula (Adichie, 2014, p. 57).

Por consequência desses tempos de ditadura, várias personagens do romance imigraram para os EUA em busca de uma melhoria de vida, dentre elas a protagonista Ifemelu, sendo uma busca que gradativamente todos almejavam. É possível visualizar esse cenário, quando a protagonista disse a seus pais que a família de Ginika finalmente ia deixar o país, seu pai suspirou e disse: “Pelo menos eles têm a sorte de ter essa opção”. E sua mãe disse: “Eles são abençoados” (Adichie, 2014, p. 57).

Ifemelu vivia o ápice do seu primeiro amor com Obinze – “O primeiro homem que ela amou, o primeiro com quem fez amor, a única pessoa para quem nunca tinha sentido necessidade de se explicar” (Adichie, 2014, p.9) – quando, depois de inúmeras greves, falta de luz e infraestrutura, teve a oportunidade de imigrar com visto de estudante para os Estados Unidos, morar com sua tia Uju e seu primo.

Os primeiros meses foram difíceis, e ela enfrentou o preconceito mascarado pela bondade. As oportunidades de trabalho se desenvolveram pelo impacto que o forte sotaque que traía a nacionalidade da moça: “Seu sotaque é bonito”. “Você é de onde?”. “Da Nigéria” (Adichie, 2014, p. 111). Assim, nas primeiras páginas, o leitor é apresentado à cultura americana através dos olhos de um estrangeiro.

Enquanto se dedicava aos estudos, Ifemelu buscava emprego e, nesse processo, passou a vivenciar, pela primeira vez, experiências diretamente relacionadas às questões raciais — algo que jamais havia imaginado enfrentar. Mesmo meses após sua chegada aos Estados Unidos, manteve contato com Obinze. Contudo, diante da impossibilidade de conseguir trabalho, viu-se obrigada a submeter-se a uma situação que lhe causou sofrimento, sentimento de vergonha e repulsa, levando-a a um profundo isolamento e ao rompimento de toda comunicação com ele. Sentindo-se sozinha com seus próprios pensamentos, Ifemelu decide criar um blog, onde expõe reflexões sobre comportamento, raça e identidade a partir da perspectiva de uma mulher nigeriana vivendo nos Estados Unidos.

Todos os acontecimentos cotidianos são percebidos por meio de uma atmosfera de estranheza: as questões relacionadas ao seu cabelo afro, as alterações corporais, a percepção

acerca da criação do primo, as propagandas televisivas, as discussões em sala de aula, e até mesmo a participação no sindicato estudantil. Nem mesmo a presença da tia Uju é capaz de diminuir a sensação de não pertencimento da protagonista: “A Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir à vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra” (Adichie, 2014, p. 9). Enquanto na Nigéria, a cor de sua pele não se constituía como um problema, nos Estados Unidos ela passa a perceber o racismo de forma cada vez mais intensa.

Através da narrativa de outro personagem na obra, é possível observar essa busca por melhoria de vida idealizada por meio da diáspora para os EUA, bem como as decepções após esse deslocamento; Obinze, o ex-namorado de Ifemelu, também narra determinados capítulos, e evidencia a força e as frustrações dos negros que migraram da Nigéria para a Europa. E para obter a cidadania na Inglaterra, Obinze se submete a um casamento de fachada, mas acaba sendo detido pela polícia de imigração e deportado de volta à Nigéria.

Com o tempo, Ifemelu consegue estabelecer novas relações afetivas, incluindo um relacionamento interracial. E após quinze anos nos EUA, ela retorna à Nigéria e se depara com uma realidade transformada: o país que deixara não é mais o mesmo. E por isso, ela se readapta com a sua cultura nigeriana e com os comportamentos das pessoas.

4.2 “Às vezes nos Estados Unidos, raça é classe”

Ifemelu, antes de morar nos Estados Unidos, nunca havia se percebido como um corpo negro suscetível ao racismo, o que representou um divisor de águas em sua vida: “Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos” (Adichie, 2014, p. 245). Essa experiência se explica pelo fato de que, na Nigéria, há uma presença reduzida de pessoas brancas, o que faz com que a consciência racial não se manifeste com a mesma intensidade observada nos Estados Unidos.

O primeiro contato que a protagonista teve com o racismo, foi com o racismo estrutural quando a sua tia Uju lhe entregou um cartão de crédito que trazia a fotografia de outra mulher negra:

Eu não pareço nada com ela”, dissera Ifemelu quando tia Uju lhe dera o cartão. “Os brancos acham que nós todos somos parecidos.” “Ahn-hã, tia!” “Não estou brincando. A prima de Amara veio para cá no ano passado e ainda não tem um visto, por isso começou a trabalhar com a identidade de Amara. Você se lembra dela? A prima é

magra e tem a pele clara. Elas não se parecem nem um pouco. Ninguém notou (Adichie, 2014, p.103).

Com o tempo, Ifemelu percebeu que tudo naquele país carregava racismo, inclusive de forma velada, e frequentemente combinado com xenofobia, como ocorreu quando se matriculou na faculdade:

“Eu. Preciso. Que. Você. Preencha. Alguns. Formulários. Você. Entende. Como. Preencher. Estes. Aqui?”, e Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa dela, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando. “Eu falo inglês”, disse Ifemelu. “Aposto que fala”, disse Cristina Tomas. “Só não sei se fala bem.” Ifemelu se encolheu. Naquele segundo de silêncio difícil em que ficou olhando nos olhos de Cristina Tomas antes de pegar os formulários, ela se encolheu. Como uma folha seca. Falava inglês desde pequena, fora a capitã da equipe de debate no ensino médio e sempre achava a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar; não deveria ter se acovardado e encolhido, mas o fez (Adichie, 2014, p. 114).

Em uma ocasião em que trabalhava como babá na casa de uma família branca, Ifemelu foi atender a porta para um serviço de limpeza. Nesse momento, deparou-se com um homem negro que, ao perceber que ela também era empregada e não a dona da casa, teve sua hostilidade desaparecida de forma instantânea: “Foi como um passe de mágica, o desaparecimento instantâneo da hostilidade dele. O rosto do homem relaxou num sorriso. Ela também era uma empregada. O universo mais uma vez era como devia ser” (Adichie, 2014, p. 141).

Percebendo essa dinâmica social, a personagem posteriormente registrou suas reflexões sobre o episódio em seu blog, expressando suas impressões sobre raça, trabalho e hierarquias sociais:

Às vezes, nos Estados Unidos, raça é classe” com a história de sua mudança drástica de atitude, terminando com a frase: Para ele, não importava quanto dinheiro eu tinha. De acordo com sua maneira de ver as coisas, eu não me encaixava no papel de proprietária daquela mansão por causa da minha aparência. No discurso público dos Estados Unidos, muitas vezes “negros”, como um todo, são colocados na mesma categoria que “brancos pobres”. Não “negros pobres” e “brancos pobres”. Mas “negros” e “brancos pobres”. É uma coisa muito curiosa mesmo (Adichie, 2014, p. 142).

Em sua busca incessante por um emprego, motivada por questões de sobrevivência, Ifemelu precisou se submeter ao alisamento dos cabelos como estratégia para aumentar suas chances no mercado de trabalho. Até então, ela os mantinha em tranças ou outros penteados naturais. Ela traz em uma narrativa como que o próprio mercado deixa isso implícito: “Quando ela falou da entrevista em Baltimore, Ruth disse: “Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego” (Adichie, 2014, p. 173).

Outra questão racial que intrigava Ifemelu era a diferença de privilégios entre pessoas negras de pele clara e de pele mais escura. Em seu blog, ela publicou um texto intitulado “Por que as mulheres negras de pele escura — tanto americanas quanto não americanas — amam Barack Obama” (Adichie, 2014, p. 182). Nesse texto, a protagonista desabafa sobre a questão do colorismo: “O fato é que a pele clara é valorizada na comunidade dos negros americanos [...] Na cultura pop americana, as mulheres bonitas de pele escura são invisíveis” (Adichie, 2014, p. 183).

No decorrer do romance, a protagonista entra em um relacionamento interracial e a demanda colorista ficou mais visível:

E não ajudava o fato de que, embora Ifemelu fosse uma mulher negra bonita, não era o tipo de mulher negra que elas, com algum esforço, conseguiriam imaginar com alguém como ele: não tinha a pele clara, não era mulata. (Adichie, 2014, p. 247).

Mais tarde viera a escrever outro texto em seu blog, analisando um livro intitulado “*Viajar sendo negro*”, mas não um negro de pele clara e sim de pele retinta:

Não só negro, diz ele, mas visivelmente negro, porque existe todo tipo de negro e, com todo o respeito, ele não está falando daqueles que parecem ser porto-riquenhos ou brasileiros ou sei lá o quê, está falando de quem é visivelmente negro. Porque o mundo trata você de um jeito diferente. (Adichie, 2014, p. 279).

Embora a escritora Chimamanda Adichie se manifeste abertamente sobre suas ideias e práticas feministas, a protagonista Ifemelu não se identifica explicitamente como feminista. No entanto, ao longo do romance, ela questiona diversos padrões machistas presentes na sociedade. Um exemplo ocorre quando Obinze a chama de “mulher que dá trabalho”, e ela aprecia esse título, reconhecendo nele uma afirmação de sua autonomia e complexidade frente às expectativas patriarcais:

Obinze riu e Ifemelu, sem interesse em continuar a falar de poesia, perguntou: “Então, o que foi que Kayode disse sobre mim?”. “Nada de ruim. Ele gosta de você.” “Você não quer dizer o que foi.” “Ele disse: ‘Ifemelu é linda, mas dá trabalho demais. Sabe discutir. Sabe falar. Nunca concorda com ninguém. Mas Ginika é um doce de menina.’” Obinze fez uma pausa e acrescentou: “Ele não sabia que era exatamente isso que eu queria escutar. Não estou interessado em meninas boazinhas demais”. “Hum! Você está me insultando?”, perguntou ela, cutucando-o com raiva fingida. Gostava dessa imagem de si mesma como sendo alguém que dava trabalho, que era diferente, e às vezes encarava aquilo como uma carapaça que a mantinha segura (Adichie, 2014, p. 53-54).

Quando Ifemelu descobriu que Curt, seu namorado branco, estava traindo-a não culpou a mulher, pelo contrário, ela achou errado a justificativa dele:

Curt estava falando. “Eu vou pedir a ela para nunca mais entrar em contato comigo. Isso nunca mais vai acontecer, amor, eu juro”. Ifemelu achou que ele parecia acreditar que aquilo, de alguma maneira, era responsabilidade da mulher, não dele (Adichie, 2014, p. 180).

O sexismo não é o tema mais explorado na obra; o enfoque principal recai sobre o racismo. Nesse sentido, Hooks em seu livro *Não sou eu uma mulher*, destaca que, em pesquisas realizadas no século XX com mulheres negras de trinta a quarenta anos, foi questionado qual tipo de opressão exercia maior impacto em suas vidas, e os resultados apontaram que o racismo se sobrepunha ao sexismo:

Conseqüentemente, quando o movimento de mulheres levantou a questão da opressão sexista, nós argumentamos que o sexismo era insignificante à luz da severa e mais brutal realidade do racismo. Nós tivemos medo de reconhecer que o sexismo podia ser tão opressivo como o racismo (HOOKS, 1981, p. 05).

Ifemelu vivenciou o racismo com tal intensidade que não percebia, de imediato, as opressões sexistas a que também estava submetida. Um exemplo ocorreu quando se candidatou a uma vaga de emprego e, ao comparecer ao local indicado, descobriu que a função exigida era massagear um homem branco. Esse foi o episódio que contribuiu para que a protagonista atravessasse um período de depressão, durante o qual cortou completamente o contato com Obinze.

Nessa perspectiva, Djamila Ribeiro em *Quem tem medo do feminismo negro*, ressalta que o machismo e o racismo se reproduzem estruturalmente na sociedade. Historicamente, a biologia foi utilizada como “pretexto” para justificar o racismo por meio da noção de evolução biológica, e, no século XIX, surgiu o conceito de “racismo biológico”, que sustentava a ideia de que a mulher negra já nascera inferior (Ribeiro, 2018).

Além das questões de gênero e raça, após alguns anos vivendo nos Estados Unidos e adaptando-se à dieta americana, Ifemelu percebeu que havia ganhado peso corporal, evidenciando mais uma dimensão de sua experiência de deslocamento e adaptação cultural, o do corpo:

Mas, em casa, ao ficar de pé diante da verdade do espelho, deu-se conta de que havia ignorado por tempo demais suas roupas mais apertadas, suas coxas se esfregando uma na outra, as partes mais moles e arredondadas de seu corpo que balançavam quando andava. Ela estava gorda mesmo. [...] Ifemelu disse a palavra “gorda” devagar, brincando com ela na língua, e pensou em todas as outras coisas que havia aprendido a não dizer em voz alta nos Estados Unidos. Ela estava gorda. Não estava curvilínea, ou cheiinha; estava gorda, aquela era a única palavra que a descrevia corretamente (Adichie, 2014, p. 08).

Dentro dessa perspectiva, a protagonista apresenta baixa autoestima, especialmente em relação ao reencontro com Obinze, seu primeiro namorado na Nigéria: “[E]m algum lugar, numa parte recôndita da mente, estava o desejo de perder peso antes de reencontrar Obinze. Ela ainda não tinha ligado para ele; ia esperar até voltar a ser tão esguia quanto antes” (Adichie, 2014, p. 352). Sempre que pensava em retornar a Lagos, Ifemelu se preocupava em emagrecer, repetindo para si mesma: “Preciso emagrecer primeiro” (Adichie, 2014, p. 352).

Essa temática nos dá a possibilidade de enxergar uma problemática social que atinge grande parte da população. Uma das maiores referências do tema hoje em dia é a escritora Joana Novaes que retrata em sua obra *Com que corpo eu vou?*, escrita em 2006. Retrata o preconceito vivenciado pelas mulheres que estão acima do peso.

Nada mais cruel do que lutar contra um inimigo implacável e inexorável. Contra a ação do tempo, as mulheres lutam, tentando manter-se sempre jovens e belas. Frenéticas e enlouquecidas, consumindo compulsivamente toda sorte de produtos que prometam retardar o seu envelhecimento e manter sua beleza, essas mulheres lutam na verdade contra si, perdendo-se no espelho, à procura de si mesmas (Novaes, 2006, p.10).

A protagonista relata que conversando com uma amiga da Nigéria, que também morava nos Estados Unidos, lembrou de como na Nigéria ser magro não era uma coisa boa, já “aqui, ser magra é uma coisa boa” (Adichie, 2014, p. 106).

Você sabe como, na Nigéria, quando alguém comenta que você perdeu peso é uma coisa ruim? Aqui, se alguém diz que você perdeu peso, é preciso agradecer. É diferente aqui, só isso (Adichie, 2014, p. 106).

4.2.1 “Mas o problema é que nem é uma Americanah de verdade”

Ifemelu, assim como muitos de seus amigos, migrou para os EUA devido às condições em que se encontrava a Nigéria, como já citado. Logo após a sua chegada, percebeu mudanças de comportamento em sua tia Uju e, sempre que as notava, questionava essas atitudes. Ao longo de sua experiência, marcada pelo racismo e pela xenofobia, Ifemelu sentia-se constantemente testada e invalidada. Consequentemente, como estratégia de sobrevivência, precisou compreender e, em certos momentos, se adaptar a determinados hábitos, mesmo sem aprová-los. Esse processo, aliado às experiências raciais, contribuiu para transformações em sua constituição identitária.

Antes de chegar aos EUA, a protagonista possuía uma idealização sobre o que significava viver na América, especialmente em relação às questões climáticas:

Era verão nos Estados Unidos, ela sabia, mas a vida toda pensara no “exterior” como um lugar de casacos de lã e neve, e como os Estados Unidos eram no “exterior” e suas ilusões eram tão fortes que não podiam ser abaladas pela razão, comprou o suéter mais grosso que encontrou no mercado Tejuosho para levar (Adichie, 2014, p. 89).

Ifemelu passou parte do verão na casa de sua tia, junto com seu primo, e, embora fizesse parte da família, não se sentia em um ambiente familiar: “havia uma desolação em sua vida, uma aridez em brasa, sem pais, amigos ou um lar, os marcos familiares que faziam com que fosse quem era” (Adichie, 2014, p. 95).

Com a chegada do outono, tiveram início as aulas, e mesmo com baixa condição financeira, Ifemelu conseguiu alugar um quarto em um apartamento compartilhado com algumas estudantes que havia conhecido na faculdade. No decorrer dos meses, ela percebeu que aquela não era a vida que vislumbrava ao chegar à América, sentia-se “na periferia de sua própria vida, compartilhando uma geladeira e um banheiro, uma intimidade rasa, com pessoas que não conhecia nem um pouco” (Adichie, 2014, p. 109). A cada dia, tornava-se evidente que as dificuldades enfrentadas não se restringiam a questões econômicas, mas também envolviam discriminação racial e regional.

Diante da recorrente negativa de oportunidades de emprego, a protagonista decidiu praticar o sotaque americano com o objetivo de se inserir socialmente nos país e aumentar suas chances no mercado de trabalho. Ao adotar essa postura, sua identidade começou a se transformar. Nesse processo de imersão cultural, Ifemelu construiu uma nova identidade, e ao atravessar um período depressivo, ela conseguiu um emprego como babá e, posteriormente, iniciou um relacionamento interracial com Kurt. Essas experiências quase a fizeram esquecer de sua identidade anterior, enquanto as memórias da Nigéria se tornavam cada vez mais distantes e “tinham um tom sépia” (Adichie, 2014, p. 171).

Outro fator que somatizou o abalo à sua identidade, foi o processo de alisamento capilar a fim de aumentar suas chances de ser aceita em um emprego melhor que o de babá. Nesse estágio de sua estadia nos Estados Unidos, ela não questionava mais o procedimento; apenas o aceitava, representando a imposição da nova identidade que lhe fora exigida. Nesse contexto, Ifemelu percebeu que, quanto mais se aproximava do padrão estético branco, maiores eram suas oportunidades na sociedade americana.

Após o alisamento, ao se olhar no espelho, “não se reconheceu. Saiu do salão quase de luto; enquanto a cabeleireira alisava as pontas com um ferro, o cheiro de queimado, de algo orgânico morrendo, causou nela uma sensação de perda” (Adichie, 2014, p. 173). Ela sabia,

contudo, que precisava desse procedimento para atender às demandas sociais e profissionais da época:

Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu tivesse fazendo uma entrevista para ser backing vocal numa banda de jazz, mas preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um encaracolado de gente branca, cachos suaves ou, na pior das hipóteses, cachinhos espirais, mas nunca crespos (Adichie, 2014, p. 174).

Após o uso do relaxamento, o cabelo de Ifemelu sofreu um corte químico. E com o auxílio de uma amiga, ela cortou os fios bem curtos, situação que afetou ainda mais a sua autoestima. Essa experiência evidencia como “[a] rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual se faz necessária à construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família” (Gomes, 2002, p. 47).

Em seguida, Ifemelu passou a pesquisar, em diversos blogs, formas de cuidar de seus cabelos crespos nos Estados Unidos, evidenciando sua busca por estratégias de autocuidado e pela ressignificação de sua identidade capilar. Nos relatos que encontrou, observou experiências de diversas mulheres negras que aprendiam a valorizar e amar seus cabelos. Gradualmente, a personagem compreendeu seu cabelo como um elemento central de sua identidade, mesmo diante das experiências de racismo e discriminação às quais estava exposta:

Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida (Gomes, 2002, p. 08).

A partir de então, Ifemelu conseguia revidar quaisquer críticas a respeito de seu cabelo. A exemplo, quando sua tia Uju comentou que seu cabelo parecia cabelo de “juta”, Ifemelu respondeu: “Se todas as revistas que você lesse e todos os filmes que você visse tivessem mulheres lindas com cabelo parecendo juta? Você ia estar admirando meu cabelo” (Adichie, 2014, p. 185). Progressivamente, ela aprendeu a amar seu cabelo black: “ela enfiou os dedos no seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo” (Adichie, 2014, p. 182). Assim, seu cabelo tornou-se um símbolo de luta contra o racismo, representando sua identidade e afirmando seu pertencimento à cultura negra.

A partir desse contexto, a personagem idealizou o blog intitulado *Raceteenth, ou Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos*, no qual ela contava sobre suas observações a respeito de raça, gênero, sexualidade e cabelo. Com o sucesso do blog, Ifemelu deixou seu trabalho para se dedicar a palestras e atividades relacionadas ao conteúdo que produzia. Outra mudança desse período foi o término do seu relacionamento com Kurt, em razão de uma suposta traição. Após o término, passou a questionar quem era antes do relacionamento e sentia-se perdida: “Ifemelu não sabia mais quem fora, do que gostava, o que queria” (Adichie, 2014, p. 252).

A literatura e a escrita exerceram grande influência sobre a identidade de Ifemelu, especialmente no período em que Barack Obama se candidatou à presidência dos Estados Unidos. Após ler sua biografia, ela mudou sua perspectiva de voto, assumindo para si a luta contra o racismo. Paralelamente, começou a namorar Blaine, um negro americano e professor universitário, que compartilhava seu senso político. Quando contou ao pai que estava morando com Blaine, ele se sentiu decepcionado, pois, na Nigéria, morar com alguém antes do casamento não era considerado apropriado:

Ela ignorou-o, ainda rindo, e pediu-lhe que passasse o telefone para sua mãe. Ignorar o pai e até dizer a ele que ia morar com um homem com quem não era casada eram coisas que só podia fazer porque morava nos Estados Unidos. As regras haviam mudado, caído nas rachaduras da distância e do estrangeiro. (Adichie, 2014, p. 265).

Cocomitante, na Nigéria, Obinze lia o blog de Ifemelu e refletia sobre como a experiência nos Estados Unidos havia transformado-a: “[...] teve uma sensação de perda como se Ifemelu tivesse se tornado uma pessoa que não reconheceria mais” (Adichie, 2014, p. 314). Alguns anos depois, Ifemelu alcançou a meta de vida que tanto sonhara nos EUA: possuía um blog de sucesso, recebia altos honorários pelas palestras, contava com uma bolsa de estudos e mantinha um relacionamento com um namorado americano:

No entanto, tinha cimento na alma. Estava lá havia algum tempo, numa fadiga matutina, algo sombrio e sem contornos nítidos. E trouxe consigo anseios amorfos, desejos indistintos, vislumbres breves e imaginários de outras vidas que ela poderia estar vivendo, que ao longo dos meses se transformaram numa lancinante saudade de seu país (Adichie, 2014, p. 09).

Ifemelu passou por um processo de percepção da necessidade de retomar as suas origens após notar a sua sensação de triunfo quando teve seu sotaque americano elogiado em uma ligação de telemarketing:

Por que era um elogio, uma realização, soar como um americano? Ifemelu tinha ganhado; Cristina Tomas, a branca Cristina Tomas sob cujo olhar se encolhera como um pequeno animal derrotado, falaria normal com ela agora. Tinha ganhado de fato,

mas seu triunfo era vazio. Sua vitória efêmera havia criado um enorme espaço oco, porque ela assumira, por tempo demais, um tom de voz e uma maneira de ser que não eram seus (Adichie, 2014, p. 114).

Posterior a esse episódio, “[Ifemelu] decidiu parar de fingir que tinha sotaque americano num dia ensolarado de julho” (Adichie, 2014, p. 148). Outro fator de autorreflexão para ela, foi quando seus pais a visitaram, ela percebeu que eles a observavam com olhos de mudança, e isso a incomodava, sentia-se perdida de si mesma e experimentou uma sensação de alívio quando eles foram embora. A protagonista decide então retornar à Nigéria, mesmo diante de diversos questionamentos sobre sua partida, evidenciando a insatisfação com a identidade que adquirira ao longo dos anos nos Estados Unidos.

Considerando que o romance aborda o deslocamento diaspórico da Nigéria para os EUA, o retorno de Ifemelu à sua terra natal configura um retorno diaspórico. Assim como teve que se adaptar à vida americana, ela também precisou se readaptar à Nigéria, o que desencadeia novos questionamentos identitários.

Ao chegar a Lagos, Ifemelu percebe que a cidade já não é mais a mesma que deixara anos atrás: “[Ifemelu] teve a sensação estonteante de que caía, caía dentro dessa nova pessoa que se tornara, caía no estranho familiar” (Adichie, 2014, p. 243). Essa sensação de estranheza decorre das transformações pelas quais ela passou; todas as mudanças identitárias sofridas nos Estados Unidos afetaram sua forma de se reconhecer em sua terra natal, revelando a necessidade de se adaptar a uma nova identidade.

Atendendo ao convite de sua nova colega de trabalho, Ifemelu passa a frequentar reuniões de um clube formado exclusivamente por pessoas que moraram fora ou que viajam com frequência, o Clube Nigerpolita. Embora não se sentisse totalmente confortável com algumas conversas, ela se identificava com os incômodos e necessidades daqueles membros, percebendo que se tornara “[...] o tipo de pessoa que dizia ‘eles servem o tipo de coisa que a gente gosta de comer’” (Adichie, 2014, p. 339), ao falar de um restaurante.

Essa estranheza reflete as transformações pelas quais passou, evidenciando uma identidade remodelada. Apesar de ter retornado à Nigéria em busca de sua antiga identidade, suas vivências e experiências nos Estados Unidos a modificaram de tal forma que não era mais possível retomar completamente a antiga persona. Dessa maneira, Ifemelu precisou se adaptar às novas situações para se reconhecer nesse processo identitário, percebendo-se, simultaneamente, pertencente a duas culturas, sem se sentir completamente integrada a nenhuma delas.

Ao reencontrar Obinze, Ifemelu relata que precisou modificar seu sotaque para ser mais aceita e admite que seus gostos haviam mudado: “Mal posso acreditar na quantidade de coisas que acho feias agora. Não suporto a maioria das casas desta cidade” (Adichie, 2014, p. 361), referindo-se a Lagos. Apesar das estranhezas iniciais, “[Ifemelu] estava em paz; por estar em casa, escrevendo seu blog, por ter descoberto Lagos de novo. Finalmente, havia se engendrado num ser completo” (Adichie, 2014, p. 394-395).

4.3 “Só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos”

Em algumas passagens do livro, a protagonista relata que, enquanto estava na Nigéria, nunca havia vivenciado situações que pudessem ser interpretadas como racismo: “Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos” (Adichie, 2014, p. 245). No entanto, isso não significa que o racismo esteja ausente na Nigéria.

Para compreender como o racismo se manifesta nesse contexto, é necessário explicar o funcionamento do racismo estrutural, que, segundo Almeida, consiste em um conjunto de práticas e normas que, embora muitas vezes invisíveis, estão incorporadas de forma consciente e inconsciente na sociedade:

Entretanto, para as visões que consideram o racismo um fenômeno institucional e/ou estrutural, mais do que a consciência, o racismo como ideologia molda o inconsciente. Dessa forma, a ação dos indivíduos, ainda que conscientes, “se dá em uma moldura de sociabilidade dotada de constituição historicamente inconsciente”. Ou seja, a vida cultural e política no interior da qual os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos autoconscientes e onde formam os seus afetos é constituída por padrões de clivagem racial inseridos no imaginário e em práticas sociais cotidianas. Desse modo, a vida “normal”, os afetos e as “verdades” são, inexoravelmente, perpassados pelo racismo, que não depende de uma ação consciente para existir (Almeida, 2019, p. 41).

Ou seja, o racismo na Nigéria manifesta-se de forma estrutural, muitas vezes de maneira implícita. Por exemplo, em revistas, a predominância de mulheres de pele mais clara e a grande oferta de cremes clareadores indicam padrões de beleza que privilegiam traços eurocêntricos. Ifemelu percebe essas práticas racistas, mas inicialmente não consegue distingui-las conscientemente, pois estão naturalizadas na sociedade. Um dos aspectos mais perceptíveis desse racismo estrutural é o colorismo:

A segunda menina mais popular era Ginika, que era muito amiga de Ifemelu. [...] mas sua pele era caramelo e seus cabelos, quando não estavam presos em tranças, desciam em ondas até o pescoço em vez de continuar em pé num afro. Todo ano ela era escolhida a menina mais bonita do ano e sempre dizia, irônica: “É só porque sou

mestiça. Como posso ser considerada mais bonita que Zainab?” (Adichie, 2014, p. 49).

Porém, diferentemente do seu processo nos EUA, esses fatores raciais não tem o mesmo impacto na Nigéria, a exemplo: não dificultava ou impossibilitava de conseguir emprego, não havia pressão estética para alisamento do cabelo, nem muito menos sofrera algum tipo de humilhação só por ser negra. O contato com esse tipo de humilhação começara nos EUA. Portanto, foi o convívio com o racismo que a fez indagar suas questões identitárias:

O processo de construção da identidade negra é muito mais complexo, instável e plural. Apesar das marcas negativas deixadas pelas experiências de discriminação, o negro se reconstrói positivamente. É claro que esse processo não se dá no isolamento e varia de pessoa para pessoa. Existem diferentes espaços e agentes que interferem no processo de rejeição/aceitação/ressignificação do ser negro (Gomes, 2003, p. 178).

Em concordância, Neusa Souza indaga em seu livro *Tornar-se negro*, questões identitárias negras, após o contato com o racismo:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 1983, p. 18).

A protagonista do romance *Americanah* enfrenta diversas humilhações devido a discriminação à sua negritude — por ser mulher negra retinta, africana e, ainda, por estar com sobrepeso. Todas essas experiências impactam diretamente na construção de sua identidade, moldando suas percepções sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra apresenta uma crítica à sociedade estadunidense, oferecendo uma reflexão acerca do racismo, da gordofobia, do machismo e da xenofobia estruturados socialmente. Amonyze ao abordar o contexto dos Estados Unidos, afirma que:

[...] discriminação não é um evento passado na América, mas um assunto atual que exige novas perspectivas e atitudes sociais. Porque americano significa ser branco, aqueles que não são brancos são presumidos como recém chegados e são regularmente instruídos a voltar (Amonyze, 2017, p. 1, tradução nossa).

Como observado ao longo da pesquisa, a crise vivenciada pela protagonista decorre da experiência diaspórica, que provoca um choque cultural e identitário. A narrativa evidencia elementos e diferenças culturais que, embora aparentemente superficiais, geram estranheza, como a linguagem, as vestimentas, a alimentação e até hábitos de higiene, muito distintos entre as duas culturas, aos quais a protagonista precisa se adaptar. Ao passar pelo processo de diáspora, Ifemelu viu-se obrigada a ajustar sua identidade, o que resultou em transformações profundas, tornando-a uma mulher com dupla nacionalidade. Essas mudanças são perceptíveis ao longo de toda a narrativa.

Após ceder temporariamente ao padrão de beleza imposto pelos Estados Unidos, visando atender às necessidades financeiras, ela sente certa satisfação por conseguir se adequar, alcançando os méritos mínimos esperados naquele contexto. Gradualmente, passa a se acostumar com as opressões, entrando em uma zona de conforto. No entanto, essa satisfação revela-se efêmera, levando-a a questionar sua identidade. Nesse processo, Ifemelu passa a tomar decisões que, aos olhos de terceiros, podem parecer desafiadoras ou mesmo provocativas, como abandonar o sotaque americano ou assumir o cabelo natural — atitudes que, na verdade, restabelecem uma identidade na qual ela se reconhece.

Ademais, percebe que sua identidade só estará completa ao retornar à Nigéria, decidindo, assim, voltar para Lagos. Contudo, sua volta não corresponde à expectativa inicial, pois constata que muitas mudanças ocorreram, tanto no país quanto em si mesma. Após um período de readaptação e aprendizado, em relação à nova Lagos e à nova Ifemelu, a protagonista compreende a profundidade de suas transformações, passando a aceitar-se plenamente e a sentir-se novamente “em casa”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda. 1 vídeo (2:48 min) *Chimamanda responde: comentários contra o feminismo | Chimamanda reacts to comments against feminism*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=728Arry6g7o>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma única história*. Tradução de Eri a Barbosa. Original disponível em: http://www.ted.com/tals/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- AMONYEZE, Chinenye. *Writing a New Reputation: Liminality and Bicultural Identity in Chimamanda Adichie's Americanah*. *Journal of Black Studies*. April-June 2017
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora. 2003.
- CARVALHO, Carolina Fabiano de. *O realismo de chimamanda ngozi adichie e a literatura decolonial*, 2018. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547559490.pdf. Acesso em: 18 mar. 2022.
- COHEN, Robin. Sólidas, Dúcteis e Líquidas: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora. Salvador: *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/TgMxSK8mvk3sMn63Gr79B9b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 mar. 2022.
- CAVALLEIRO, Eliane Santos. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

ERNEST-SAMUEL, Gloria Chimeziem. Língua e Literatura no Discurso em Sala de Aula: um experimento pedagógico. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, e81831, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266081831>. Acesso em: 17 mar. 2020.

FANON, Frantz. *Sur la culture nationale*. 1963.

FÉLIX, Sayara de Brito. Cabelo bom. Cabelo ruim: a construção da identidade afrodescendente na sala de aula. *Revista África e Africanidades* – Ano 3 – n. 11 novembro de 2010. Seminário Interdisciplinar de Pesquisa – UNEB – Universidade do Estado da Bahia, 2010. Disponível em: www.africaeaficanidades.com.br Acesso em: 12 nov. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

FERREIRA, Janaína Amado; MORAES, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

FUKS, Rebeca. *Biografia de Chimamanda Ngozi Adichie*. eBiografia.com. Disponível em: https://www.ebiografia.com/chimamanda_ngozi_adichie/. Acesso em: 18 mar. 2020.

GELEDÉS. *A Chimamanda voz do feminismo critica o racismo e defende homens feministas*. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-a-voz-do-feminismo-critica-o-racismo-e-defende-homens-feministas/>. Acesso em: 18 mar. 2020.

GELEDÉS. *Chimamanda Ngozi Adichie: É impossível falar sobre racismo sem causar desconforto*. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-ngozi-adichie-e-impossivel-falar-sobre-racismo-sem-causar-desconforto/> Acesso em: 18 mar. 2020.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Candido Mendes: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2020.

GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?* 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrXrHf5nTC7r/?format=pdf&lang=pt&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 18 mar. 2020.

GRAHAM, David. *A autora Chimamanda Ngozi Adichie relembra sua epifania sobre identidade quando chegou aos Estados Unidos*. The Atlantic, 2014. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2014/10/american-blindness-to-the-racism-all-around-us/382152/>. Acesso em: 18 mar. 2020.

GUIRADO, Marlene. *A clínica psicanalítica na sombra do discurso: diálogos com aulas de Dominique Maingueneau*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: UFMG/Unesco, 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/amand/Downloads/10360-article-18251-1-10-20211108%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/amand/Downloads/10360-article-18251-1-10-20211108%20(2).pdf). Acesso em: 18 mar. 2020.

HALL, Stuart. *Identidade cultural e diáspora*. Comunicação & Cultura, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/10360-article-18251-1-10-20211108.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2021.

HALL, Stuart. *The emergence of cultural studies and the crisis of the humanities*. October, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/778912>. Acesso em: 07 abr. 2021.

HARRIS, Angela. *From color line to color chart: Racism and colorism in the new century*. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Harris%20Abstract.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2021.

HOOKS, Bell. *Não sou uma mulher: mulheres negras e feminismo*. 1981.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. *Teoria feminista*. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2020.

MARIE, Clarie. *Chimamanda Ngozi Adichie: O Brasil tem um problema de raça, pessoas negras não têm acesso a posições de poder*. 2019. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/04/chimamanda-ngozi-adichie-o-brasil-tem-um-problema-de-raca-pessoas-negras-nao-tem-acesso-posicoes-de-poder.html>. Acesso em: 07 abr. 2021.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

NUNES, Alyxandra Gomes. *Chimamanda Ngozi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário*, 2017. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/african/article/view/4039>. Acesso em: 07 mar. 2021.

NOVAES, Joana de Vilhena. *Com que corpo eu vou? Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas médias urbanas*. Rio de Janeiro: PUC-Rio / Editora Pallas, 2006.

ONWUANYI, Ndubisi. *How Lagos became Africa's largest megacity*. Quartz Africa. Disponível em: <https://qz.com/africa/1722706/how-lagos-became-africas-largest-megacity>. Acesso em 08 mar. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Belo Horizonte: Pólen Produção Editorial LTDA, Belo Horizonte, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa: *A política da cor: o racismo e o colorismo*. *Jornal de Letras*, 2021. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniaio/2021/05/a-politica-da-cor-o-racismo-e-o-colorismo-por-boaventura-de-sousa-santos/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

SILVA, Adriana. A voz do feminismo. *Revista Marie Claire Brasil*, São Paulo, v. 337, p. 72-80, abr. 2019.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

WALKER, Alice. *Six Notes on All's Well That Ends Well*. 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2869739>. Acesso em: 07 mar. 2021.

WALTERS, Wendy. *At Home in Diaspora: Black International Writing*. Minnessota: University of Minnesota Press, 2005.

XAVIER, Elódia. *Tudo no Feminino*. Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.